

Relíquias recentes e o bem banal

MIRIAM LEITÃO

O executivo resgata de uma velha carteira, que decidiu voltar a usar, quatro notas em tons pastéis em amarelo, laranja e algum verde e um número indicando tratar-se de cem vezes uma unidade monetária.

A efígie de Cecília Meirelles com um olhar longo e um verso manuscrito revelavam, nas três linhas finais, o desejo de permanência: "Repete-te para sempre, em todos os corações, em todos os minutos."

O que é isso?, pergunta-se perplexo. Dinheiro, socorre a mulher.

Mas que dinheiro?!

Acho que são cruzados novos. Notas de cem cruzados novos.

Ah! O dinheiro lançado pelo Bresser.

Não, foi pelo Maílson, corrige a mulher.

É verdade, rende-se o executivo, aqui está a assinatura do Maílson.

A mulher, orgulhosa da visão ainda perfeita, pega uma das notas e discorda:

Não, olha só, essa assinatura é da Zélia. Tá escrito aqui, é cruzeiro.

Nada disso. Olha essa aqui. Está escrito cruzados novos e a assinatura é do Maílson.

Compararam as duas notas. A mesma Cecília, o mesmo verso, os mesmos tons meio desmaiados, os mesmos cem. Só que dois ministros, dois governos, dois nomes diferentes para a moeda.

O que é isso?!, pergunta-se, perplexa, a mulher.

Dinheiro! Mas o que eu quero saber é: era muito ou pouco?, perguntou o executivo.

Quando?

Quando eu esqueci na carteira.

E quando foi isso?

Numa viagem, lembro bem, que fiz aos Estados Unidos... Ah! Era dinheiro suficiente para pagar o táxi do Galeão pra casa.

Se você pagou o táxi, isso aqui era o troco. Então esses 400 cruzeiros — ou cruzados novos, que seja — eram bem pouquinho. Quase nada.

Décimo aniversário do Plano Cruzado, numa redação do jornal, dois jornalistas conversam preparando o artigo sobre os detalhes da história. Um, orgulhoso da sua memória jornalística: tudo gravado, datas, fatos, nomes; um fenômeno, desses que envelhecem chateando os netos com o conhecimento inútil. O outro, mais do tipo deleta-fíles-e-pergunte-à-pesquisa.

O que acabou com o Plano Cruzado?, perguntou o esquecido.

Acho que foi Carajás, respondeu o morriado.

Carajás??? Não foi o ágio?

Também...

Mas quando foi isso? Quando o Plano Cruzado acabou? Não foi na eleição de 86?

Bom, morto, morto ele estava no fim do



ano quando a inflação pulou de 3%, em novembro, para 7%, em dezembro, e para 16%, em janeiro.

Ah, me lembro, foi no Cruzado II.

Agora você acertou.

Claro, claro, o Cruzado II... Aquele plano feito pelo Bresser.

Não, o Bresser fez o Plano Bresser.

Verdade, todo mundo entrou na Justiça pedindo o Plano Bresser. Burrice minha! Não foi aquele que lançou o cruzado novo?

Não, o cruzado novo foi no verão, corrigiu o lembra-tudo.

Que verão?

O plano do Maílson.

Claro, o feijão com arroz.

Não, o feijão com arroz foi não fazer nada para ver como é que fica, em 88. No começo de 89, ele fez o Plano Verão.

Durou quanto?

Não durou. Então veio o Plano Collor, aquela barbaridade de tomar o dinheiro...

Aí foi lançado o cruzeiro, certo?

Acertou.

E o cruzeiro durou até vir o real, disse o deleta-fíles achando que enfim recobrava bytes.

Nada disso. Antes teve o cruzeiro real.

Claro! O cruzeiro real do Collor II.

Não, o Plano Collor II não teve nada, nem plano. Já o cruzeiro real foi aquela moeda lançada para cortar os três zeros que não cabiam mais nos cheques, lembra não?

Quando?

Bom... O Ximenes era presidente do Banco Central... Então foi antes daquela briga entre ele e o Itamar por causa do cheque pré-datado.

O Ximenes do Banco do Brasil?

O mesmo.

Última pergunta: o real cortou zero?

Não. Dividiu tudo por 2.750.

Um dia, no final do Governo Sarney, fui convencer o editor a registrar na primeira página uma nova alta da inflação, e ouvi do meu chefe:

Me conte outra, isso aí já é a banalidade do mal.

Imagino o inverso, agora. Alguém indo convencer o editor da primeira página a dar destaque à notícia de que a inflação caiu. O bem já banalizado.

Me conte outra, dirá o chefe. Isso não dá mais manchete.

Me fale o que aconteceu com o Claramundo; se vão prender os Magalhães Pinto; quantos trocados o Ângelo Calmon de Sá tem levado para os fins de semana; o que é o esquenta-esfria do presidente da BM&F; a dívida interna que o Bird diz que é uma bomba; se o parceiro do Excel lavava dinheiro sujo; onde estava a KPMG que não viu o balanço passar dez anos com 642 fantasmas.

Onde estava o Brasil que não viu todos esses vícios nacionais, vícios econômicos, que aparecem só agora? Estava tentando responder à pergunta: que dinheiro é esse?

Mas quanto era isso?, insiste o executivo para a mulher. A gente tem que lembrar. Esses 400 cruzeiros-cruzados-novos eram muito ou pouco? Quero saber se perdi dinheiro.

A mulher dá a receita:

Simples. Primeiro descubra quando você usou pela última vez essa carteira. Depois, pegue a taxa cambial do dia — a do oficial e a do paralelo — verifique se havia diferença entre cem cruzeiros e cem cruzados novos à época, ache a máquina de calcular, faça as contas nas duas taxas de câmbio, converta para...

Muito trabalho. Esquece, desiste o executivo e joga o dinheiro no lixo.

Joga não, pede a mulher, resgatando da lixeira o olhar esperançoso de Cecília Meirelles. É relíquia, poxa!

Relíquia? Essas notas não têm nem ideia de pra isso. As de cruzeiro têm seis anos, as outras, sete.

Eram, ao mesmo tempo, novas e antigas; recentes e remotas. A mulher decide guardá-las. Não pela reserva de valor, que elas foram um dia, mas pelo primeiro verso do poema impresso: "Sê o que o ouviu nunca esquece".